

TRANSFERÊNCIA E CONTRATRANSFERÊNCIA NA PRÁTICA: UMA DECANTAÇÃO DIFÍCIL

José Renato Berwanger Carlan

Se um psicanalista pode perceber que está angustiado, isso significa que está a caminho de ocupar o seu lugar. Em outros termos, atribuo à contratransferência não só a função de ser um obstáculo, mas também a função de ser o signo da proximidade do acesso ao lugar do analista (J.-D. Nasio, 1999, 123).

Com o presente trabalho procuro traduzir algumas indagações e discussões sobre a transferência e a contratransferência a partir da prática analítica supervisionada.

Por vezes, lemos e releemos um livro, revemos um seminário, lembramos da nossa análise pessoal e algo desse contexto é sublinhado mais de uma vez, sempre volta à tona e por isso é relevante.

Nesse momento, com a experiência da escuta analítica supervisionada, procuro me situar na sessão e no discurso do sujeito, indagando-me em que posição estou. O que ele quis dizer com isso ou aquilo? O que senti? O que é endereçado a mim?

Sublinho novamente a questão da transferência e contratransferência como um dos pontos que mais provoca inquietação no analista. Identifiquei-me com os escritos de Násio (1999) quando aponta a angústia como sendo a expressão mais franca, pura, saudável e madura da contratransferência do psicanalista, por ser um obstáculo e, ao mesmo tempo, apontar uma direção no(do) tratamento analítico, sobretudo no acesso ao inconsciente.

No processo da formação analítica, com os seminários teóricos, a análise pessoal e atualmente com a supervisão, percebo que esse tema sempre retorna. Vejo agora que, ao lado da ilogicidade e atemporalidade do inconsciente, está também a problemática da transferência e contratransferência, que deixa como única evidência a necessidade de uma formação permanente.

Volto a discutir este tema a partir da relação analítica com um paciente que apresenta características de neurose com alguns traços obsessivos e os sentimentos despertados, apontando questões sobre transferência e contratransferência e sua relação com as teorias. Da poltrona ao divã me pareceu ocorrer um distanciamento que, em muitos momentos, me fez indagar sobre sua fala evasiva, descritiva, raramente falando sobre si mesmo e sobre o que sente. Se está angustiado, alegre ou triste ou por que dificilmente traz sonhos para a sessão. Não pretendo descrever a estrutura ou o quadro clínico do paciente nem relatar o caso e sua dinâmica, mas simplesmente expressar as dificuldades e impasses da relação analítica e o que apontou em direção a transferência, a contratransferência e a supervisão.

Muitas vezes penso sobre o que isto tem a dizer na transferência e na contratransferência também no sentido de minha demanda. Por que sinto ou penso que tais

sentimentos ou expressão de sonhos carecem nessa relação analítica?

Certamente não é algo específico e presente somente nesse caso, mas através dele me ocorreu refletir sobre o que sinto, onde me situo na transferência e contratransferência, quando se convergem a prática, a supervisão e a teoria, levando-me a escrever sobre este tema com uma repassada superficial sobre a teoria da transferência e contratransferência e os impasses da clínica.

Entendo que, desde os primeiros estudos sobre a histeria, a teoria sobre a transferência e a contratransferência passa por variações na obra de Freud. A publicação do caso Dora em 1905 significou um marco importante onde Freud já sinalizava o deslocamento das pulsões em direção ao objeto, com as atualizações de vivências do passado no presente, reativando recordações. Em 1912, em “Sobre a dinâmica da transferência”, essa passou a ser entendida como uma resistência à recordação, portanto, um obstáculo. Até então a transferência servia à resistência. A partir de 1914, as considerações sobre a transferência abarcaram a recordação recalcada como uma repetição na transferência. A partir de 1920, em “Além do princípio do prazer”, a repetição passou a ser a questão principal no entendimento da transferência, com a prevalência de um impulso, uma necessidade de repetir situações do passado, não só de prazer como também de desprazer (pulsão de morte), não para manter, mas para destruir vínculos.

Reverendo essa trajetória não a percebo como modificações ou cortes de conceitos, mas complementações, pois nenhuma dessas ideias me parece descartável.

Mesmo com toda evolução e modificações na dinâmica da transferência, parece um consenso para a maioria dos autores de que a transferência é obstáculo e ao mesmo tempo o motor do tratamento.

Visualizo também outra forma de situar e entender a transferência, considerando-a a partir das pulsões, do deslocamento de pulsões, do transporte em direção ao objeto e a suas representações (Freud), ou em direção ao véu que recobre o objeto (imaginário de Lacan), como também da forma que entendem os teóricos das relações de objeto desde Ferenczi (crítica à atitude distante e fria do analista) até os chamados intersubjetivistas.

Green (2008), considerando **a pulsão e a relação de objeto**, faz um entendimento sobre a evolução e os impasses dos conceitos sobre a transferência antes e depois de 1920. Escreve sobre a resistência e compulsão a repetição a partir da dinâmica e mobilidade das pulsões que determinam a mobilidade ou emudecimento da transferência como ação interna; pulsão em si, chamada pelo autor de **transferência de pensamento**. Segundo Green, esse conceito dá lugar a um **pensamento de transferência**, momento em que se torna mais complexo, leva em consideração o outro, o objeto. Ocorre basicamente, conforme Green, uma evolução em três fases: primeira, transferência como resistência; segunda, transferência como motor do tratamento; e terceira fase, onde não basta somente uma definição que enfoque a repetição do passado para o presente, ampliando o espectro da transferência, considerando-a a partir da relação de objeto (a pulsão revela o objeto e vice-versa).

Nesse ponto a evolução dos conceitos sobre a transferência está diretamente ligado à evolução dos conceitos sobre pulsão e relação de objeto (pulsão-objeto). A partir destas perspectivas, o conceito de transferência varia conforme os **partidários da teoria das pulsões (intrapésíquicos) e os da perspectiva da relação de objeto (intersubjetivista)**. Nesta terceira fase, André Green defende a **articulação pulsão-objeto**, uma vez que são indissociáveis na transferência. Critica a posição unipolar e enfatiza que o ponto de vista epistemológico moderno enfatiza a dimensão da relação (assimétrica) que deve prevalecer sobre a concepção de um objeto por si só.

Na concepção kleiniana, a transferência é a externalização do presente imediato da

situação interior, momento em que na sessão tudo é considerado transferência e não somente o que diz respeito ao deslocamento de pulsões do passado atualizadas no presente. Aqui, assim como em Bion, Winnicott e Kohut, estamos falando da transferência enquanto relação de objeto, vivência.

Em função das divergências quanto às posições pulsão, pulsão-objeto (relações de objeto), surgem, segundo Green, as dispersões ou fragmentações do pensamento psicanalítico: psicologia do ego, pensamentos kleiniano, lacaniano, bioniano, winnicottiano, kohutiano e freudiano.

Outro aspecto apontado por Green refere-se à forma de **interpretar a transferência** que determina variações nas diferentes escolas, por exemplo, a **interpretação (de) transferência** (escola inglesa), que considera a totalidade das atitudes, dos comportamentos conscientes e inconscientes do analista para com seu paciente e vice-versa. Defende a ideia de que toda interpretação se refere à transferência. E a escola francesa, com a **interpretação (na) transferência**, quando o eixo não está focado na relação analista-analisando, mas na relação do analista com seu lugar.

Green (2008) refere que a dispersão ou mesmo a fragmentação do pensamento psicanalítico em variadas teorias conflitantes (psicologia do ego, pensamento kleiniano, lacaniano, bioniano, winnicottiano, kohutiano) pode ser vista como tentativas de propor uma solução face às limitações do tratamento clássico, sobretudo ao tratamento centrado exclusivamente nas pulsões por si só, no mundo interno, assim como uma transferência unipolar que desconsiderava a relação de objeto.

Uma polêmica sem fundamento terminou por desenvolver-se entre os partidários da teoria das pulsões e os da teoria da relação de objeto. Abordamos os argumentos dessa discussão e concluímos que a articulação dos pontos de vista intrapsíquicos (componente pulsional em primeiro plano) e a perspectiva intersubjetivista (onde os fundamentos remontam à teoria de relações de objeto) é incontornável, uma vez que há um par indissociável que é o par pulsão objeto, base do psiquismo (Green, 2008, p. 74).

Assim, a pulsão revela a existência do objeto e, inversamente, o objeto é revelador da pulsão. A separação entre os movimentos internos e afetivos do sujeito e sua objetivação pelo discurso endereçado a um terceiro tomba para o inconsciente. Neste ponto refere-se à transferência, em que os dois formam apenas um.

A contratransferência, muito além do resultado da influência exercida pelo paciente sobre os sentimentos do analista, das resistências ao tratamento ou mesmo advertência contra as tentações do analista, de acordo com Násio (1999), aponta um lugar. Não está em oposição, mas em similaridade com a palavra transferência. O conceito de contratransferência define o conjunto de obstáculos imaginários que se opõem à ocupação do lugar do analista. A contratransferência não deve ser situada entre o analista e seu paciente, mas entre o analista e o lugar, entre o analista e o lugar do objeto.

Racker (1953 apud Etchegoyen, 2004) afirma que, assim como a transferência, a contratransferência opera como obstáculo, instrumento e campo no qual o analisando pode realmente adquirir uma experiência viva e diferente da que teve originalmente. Green (1984) analisa dois momentos diferentes no entendimento: o primeiro momento é visto como uma reação à transferência e mais associado à pulsão por si só, precisa, circunscrita e limitada; o segundo momento, mais difuso e abrangente, levando em consideração as relações de objeto, mais próximo ao movimento intersubjetivista, difuso, abrangente e de limites pouco precisos.

Inegavelmente todas essas teorias são muito interessantes e acredito que se mantêm vivas justamente por uma metapsicologia que existe e resiste pela impossibilidade de

decifração e decantação. Inevitavelmente, na clínica ou mesmo na busca de vestígios da clínica, o analista também esbarra no rochedo da castração, com indagações e desafios sobre o encontro analítico, sobre a transferência, a contratransferência e principalmente sobre o lugar do analista nessa mistura. Talvez por isso Násio (1999), citando Ferenczi, chama a atenção para uma metapsicologia dos processos psíquicos do analista durante a análise, para além da autoanálise e da análise, considerando a necessidade de supervisão não somente do paciente de quem o analista fala, mas do viés da contratransferência do analista, de sua angústia, da busca de seu lugar em uma mistura que não se decanta facilmente como água e óleo.

REFERÊNCIAS

- ETCHEGOYEN, Ricardo Horacio. **Fundamentos da técnica psicanalítica**. 2ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- GREEN, André. **Orientações para uma psicanálise contemporânea**. Rio de Janeiro: Imago, 2008.
- NASIO, Juan-David. **Como trabalha um psicanalista?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.